

HISTÓRIA MARAVILHOSA
DE COMO O GRANDE
IMPERADOR NAPOLEÃO I
FOI VENCIDO EM PORTUGAL

L. 13283¹² - V.



R.165046

. COLECÇÃO PATRIA — LIVRO NÚMERO QUARENTA E UM

LISBOA ~ EDIÇÕES S. N. I. ~ 1945



E X - L I B R I S

COMPOSTO E IMPRESSO NAS GRANDES
OFICINAS GRÁFICAS «MINERVA», DE
GASPAR PINTO DE SOUSA, SUCRS., LTD.^a
VILA NOVA DE FAMALICÃO — 1945

LIVRO QUARENTA E UM

HISTÓRIA MARAVILHOSA DE COMO O GRANDE IMPERADOR NAPOLEÃO I FOI VENCIDO EM PORTUGAL

L. 13283 ¹² V.

Joaquim de Noronha era um bom homem muito conhecido em Lisboa naquele tempo. Ele e o seu grande amigo Manuel de Sequeira tinham-se tornado célebres pelos seus trabalhos em ciências naturais, sobretudo em botânica, e o Marquês de Angeja, que era um grande cientista português apresentara ao Príncipe Regente Dom João (que veio a ser mais tarde Dom João VI) aquêles dois homens que tanto o ajudavam na organização do seu museu e na criação e cuidados do seu jardim botânico.

Joaquim de Noronha, sua mulher Maria José e seu amigo Manuel de Sequeira eram pessoas de cinquentá e tantos anos, mas todos três rijos, sãdios e trabalhadores e activos como se tivessem muito menos idade. A filha de Joaquim de Noronha, Maria do Céu, casara com Gil, filho de Manuel de Sequeira e dera-lhes Deus dois filhos: Francisco, de treze anos, e Purificação, de dez.

Gil, era um distinto oficial superior do exército português. Passara anos da sua brilhante vida nos campos de batalha e os seus estudos e conhecimentos das coisas militares e da arte da guerra eram tais que, a-pesar-de só contar trinta e tantos anos, tinha grande nome e era considerado como um dos melhores chefes do nosso exército. Ele e sua mulher Maria do Céu entendiam-se bem e andavam tão namorados um do outro depois de catorze anos de casados, como nos primeiros tempos.

Era uma família exemplar e muito unida. Viviam muito bem. Possuíam muitas terras e muitos bens. Tinham muita criadagem que faziam parte da família e que encontravam junto dos amos protecção, amizade e consideração. Naquele tempo as idéias dispartadas de igualdade ainda não tinham envenenado o povo e cada um entendia que havia tanta dignidade em obedecer como em mandar, contanto que cada um cumprisse com as suas obrigações.

Principia esta história no dia 25 de Novembro de 1807.

Em França passavam-se coisas extraordinárias. Depois da Revolução francesa (que foi o principio de todos os males de que o mundo inteiro agora está soffrendo) e daquele medonho tempo de terror em que o populacho desenfreado matou o rei Luís XVI e a nobreza e aproveitou para roubar e destruir tudo quanto pôde, viu-se a França em guerra com países estrangeiros.

Um dos seus generais, um homem ainda muito novo e de grande cabeça chamado Napoleão Bonaparte e natural da Córsega, mostrou tal sabedoria da guerra e tal génio para as coisas militares que, em pouco tempo começou a mandar tanto ou mais do que um rei. E todo aquêlo povo desvairado que berava e uivava como lobos dizendo que não queria saber de Deus nem de rei, passou a obedecer a Napoleão como um rebanho obedece ao pastor, e a adorá-lo tanto que acabou por fazê-lo Imperador! E isto vem provar-nos mais uma vez que, assim como um corpo não pode viver sem cabeça, assim um povo não pode existir sem um chefe.

Napoleão Bonaparte vencia tôdas as batalhas. Venceu os italianos, os aus-

tríacos, os alemães, os russos... Era um nunca acabar de vitórias. No mundo inteiro não se falava senão em Napoleão Bonaparte.

Os ingleses é que não gostavam nada da brincadeira. Eles é que queriam mandar no mundo e viam que Napoleão ia chamando seu a tudo onde punha a mão. Ora os ingleses tinham já nesse tempo uma marinha de guerra muito forte e tinham sobretudo um grande comandante de marinha chamado Nelson. Esse Nelson dirigiu uma batalha naval da esquadra inglesa contra a esquadra de Napoleão e infligiu-lhe uma derrota perto de Abukir na costa do Egito. Ora os portugueses, por serem aliados dos ingleses, tinham mandado uma esquadra sua ajudá-los nessa batalha. Quando Napoleão soube disto ficou furioso contra nós e disse que havíamos de o pagar com lágrimas de sangue; e pouco depois entendeu-se com o rei de Espanha para êle nos declarar a guerra. Se quiséssemos conservar a paz havíamos de fechar os nossos portos aos navios ingleses, pagar um ror de dinheiro à Espanha, entregar algumas das nossas províncias à França, e outras coisas assim humilhantes que só podíamos aceitar se não tivéssemos vergonha nenhuma. Não aceitámos tais condições, louvado seja Deus! E a Espanha veio logo por aí fora com um grande exército contra nós. Vinham as tropas espanholas já perto das nossas fronteiras quando a Inglaterra mandou a toda a pressa retirar tropas suas que tinha em Portugal...

Os espanhóis tomaram Olivença, Campo Maior, Portalegre, Castelo de Vide. Mas em Elvas esbarraram com Dom Francisco Xavier de Noronha. Este grande capitão português declarou aos espanhóis que não se renderia enquanto tivesse um soldado vivo. Pouco depois assinava-se a paz. A Espanha restituiu todas as terras que nos tomara, menos Olivença. Foi assim que perdemos Olivença que é terra portuguesa onde ainda hoje se fala português.

Napoleão Bonaparte ia de vento em pópa por essa Europa fora. Eram vitórias e mais vitórias. Já andava com as vistas em Espanha e Portugal e até no Brasil. A Inglaterra estava cada vez mais aterrada; via que a posse do mundo e o poder sobre os outros povos, lhe ia escapando. Começou então o bloqueio, quere dizer, proibiu o seu comércio com a França. Napoleão fez o mesmo.

No dia 17 de Novembro de 1807, o General francês Junot — a quem deram depois o título de duque de Abrantes — entrava com as suas tropas em terras portuguesas. Lançou logo uma proclamação dizendo que vinha livrar-nos do domínio inglês. É sempre assim: quando uma nação grande quere devorar uma pequena diz que vai livrá-la de um perigo e dar-lhe a liberdade. Isto é coisa moderna; antigamente não se estava lá com essas intrujices que só enganam o povo. Dizia Junot nessa proclamação que vinha como amigo e que, pela sua honra, respondia da boa conduta das suas tropas. Mas acrescentava que todo o português que tivesse armas sem ser militar seria logo fusilado e que qualquer povoação que resistisse aos franceses seria incendiada. Isto era o que êles chamavam «vir ajudar os portugueses e dar-lhes a liberdade».

A tal *boa conduta* dos soldados franceses, prometida por Junot, mostrou-se logo: por onde passavam maltratavam mulheres, velhos, crianças, matavam, roubavam, destruíam culturas e aldeias como bandos de selvagens ou de feras. Nada era respeitado. Roubavam as igrejas, arrombavam as sepulturas para procurar as jóias dos mortos. Era gente danada.

Quando o Príncipe Regente Dom João teve conhecimento da entrada dos franceses em Portugal, reuniu o Conselho de Estado e resolveu partir sem demora para o Brasil com a boa rainha Dona Maria I, sua mãe, que estava demente, e com toda a família real.

Muita gente dizia:

— Parece impossível! Então o Príncipe Regente, nosso futuro rei e que

no lugar de rei está agora, põe-se a salvo com a sua família e deixa o seu povo numa hora de tamanho perigo!

Mas o Príncipe Regente, fazendo o que fêz, salvou Portugal e, o que é mais, salvou também o Brasil como adiante se verá. Se tivesse ficado, os franceses deitavam-lhe as unhas e obrigavam-no a assinar tratados vergonhosos sob pena de martirizarem o povo. Não tínhamos maneira de nos defender assim de repente de inimigos tão poderosos e que não recuavam diante de nenhuma patifaria. Estando êle no Brasil, Junot não podia obrigá-lo a fazer fôsse o que fôsse contra sua vontade. E o Brasil nesse tempo era ainda terra portuguesa; indo para lá, o Príncipe Regente não saía dos seus Estados. Dom João fêz o que devia fazer; o seu juízo e a sua prudência devem merecer o reconhecimento dos portugueses.

Quatro meses depois estava a Espanha invadida também pelas tropas francesas. O rei de Espanha e tôda a sua côrte quiseram fazer o mesmo e embarcar para as possessões espanholas na América. O povo não deixou partir o rei que já estava em Sevilha para embarcar. Qual foi o resultado? Os franceses filaram o rei de Espanha que ficou prisioneiro de Napoleão e assinou à força tudo que êle muito bem quis. Uma grande desgraça! E Napoleão tirou-se dos seus cuidados e fêz rei de Espanha o seu irmão José Bonaparte. De tal sorte nos livrou o bom juízo do nosso Príncipe Regente.

No dia 25 de Novembro daquele ano de 1807 estava a família tôda reünida na sala depois do jantar. Naquele tempo jantava-se cêdo. O sol entrava pelas janelas.

Manuel de Sequeira fôra convidado pelo Príncipe Dom João a acompanhar a côrte ao Brasil para lá fazer estudos sôbre as plantas daquela terra que ainda não eram conhecidas.

— Tudo isto foi decidido tão de repente — disse Manuel de Sequeira — que ainda não estou bem em mim. Custa-me deixar-vos, sobretudo em tal hora, quando os franceses vêm já entrando na nossa terra. Mas cada um tem o seu pôsto. Aqui o Gil vos defenderá de todo o mal e perigo se os houver; e eu... para a nossa terra vou trabalhar.

— Na vida o que importa é cada um seguir sempre a direito pelo caminho que escolheu — disse Joaquim de Noronha. — Cada um deve servir a pátria com as armas que Deus lhe dá. Gil serve-a com a espada, tu com o teu estudo e saber. Ambos a engrandecem. Nenhuma obrigação te prende aqui e indo estudar as plantas desconhecidas do Brasil, vais enriquecer a ciência portuguesa à custa talvez da tua saúde e arriscando tanto a vida num clima diferente e arrostando com o perigo de doenças e de mordeduras venenosas, como um soldado no campo de batalha.

— Quando diante de nós aparece o dever — disse o Gil — não se pensa em perigos; pensa-se em fazer a nossa obrigação. Um país invadido por tropas estrangeiras, quere venham com boas tenções ou más, é um país infeliz e que precisa do esforço de todos em todos os campos para o engrandecer e defender. Esta hora não é para lamúrias, mas sim para acção.

O Francisco, que escutara esta conversa com tôda a atenção, foi sentar-se ao lado do avô, pegou-lhe na mão e disse assim:

— Vá descansado, avô. Quando voltar verá como já saberei servir-me de uma espada e de uma pistola e há-de ficar contente de ouvir o que o pai lhe contará de mim.

A Maria do Céu voltou-se tôda risonha para Dona Maria José:

— Então, minha mãe, que lhe parece tudo isto? Com o Gil e o Francisco a defender-nos, não há mal que nos chegue.

— Cá por mim, com tais defensores, não tenho medo nem do próprio Napoleão — respondeu Dona Maria José a rir.

A Purificação não quis ficar atrás e meteu-se também na conversa. Levantou-se toda despachada e declarou:

— Eu cá sei muito bem que houve mulheres portuguesas que combateram em guerras como homens. Só a padeira de Aljubarrota matou sete espanhóis. Eu também sou capaz de dar cabo de uns poucos de franceses.

Todos riram de ver aquela figurinha de dez anos com os olhos a brilhar, toda resoluta e cheia de si.

Dona Maria José puxou-a para si e disse:

— Uma mulher tem muitas maneiras de ser corajosa, mesmo sem matar inimigos. O que é preciso é que se mostre sempre serena e forte e alegre através dos perigos, que não perca a cabeça e ajude e anime os seus homens.

Joaquim de Noronha, voltou-se para o seu amigo e disse-lhe a rir:

— Já vês, Manuel, que podes partir descansado. Nesta casa está tudo a postos e não há inimigo que se atreva connosco.

Assim conversavam com a serenidade e bom humor que, na hora do perigo, é sempre sinal da verdadeira coragem; e todos sabiam que Portugal estava bem ameaçado e que o dia de amanhã era bem incerto.

— O pior de tudo — disse o Gil — bem pior que as tropas francesas, são as idéias francesas que se estão espalhando na nossa terra. Mas mesmo essas idéias seriam facilmente destruídas por nós, se não fôsse a maçonaria.

— O que é a maçonaria, pai? — perguntou logo o Francisco.

— A maçonaria, Francisco, é o veneno com que os estrangeiros andam a querer matar a alma livre e forte da gente portuguesa. É a arma mais traiçoeira e segura para dar cabo de um povo, para o fazer escravo de outro povo sem êle dar por isso. É o braço direito da mentira e do fingimento. É coisa medonha e nojenta como tudo que se esconde e se arrasta na sombra espalhando a sua peçonha sem correr risco. É o grande inimigo do teu pai, dos teus avós, de todos aquêles que têm uma vida clara e que só combatem à luz do sol e que amam a sua pátria esquecendo os próprios interesses.

Francisco bebia cada palavra do pai com os olhos brilhantes e cheio de atenção.

— Mas, pai — disse êle — o que é? Eu quero combater essa coisa, mas preciso saber o que é e onde está.

Joaquim de Noronha e Manuel de Sequeira trocaram um olhar alegrando-se de ver o juízo e o tino com que o neto falava. E Joaquim de Noronha chamou-o para junto de si e disse-lhe:

— Anda cá, Francisco, eu vou explicar-te o que é a maçonaria. Maçonaria vem de uma palavra francesa que quer dizer *pedreiro*. Antigamente, há muitos e muitos anos, há talvez mais de seiscentos anos, começou a construção de grandes e lindas igrejas-catedrais em diversos países da Europa. Ainda hoje existem muitas, graças a Deus, porque eram tão bem construídas, tão fortes e poderosas, que resistiam ao tempo, às guerras, a tudo. Os architectos, pedreiros, canteiros, cabouqueiros que as construíam, punham naquele trabalho um grande amor, uma grande paixão. Entendiam-se entre si para fazerem aquelas grandes obras cada vez mais lindas e mais fortes. Esses homens faziam aquelas catedrais ora num país ora noutro. E como naquele tempo haviam dificuldades e perigos para quem andava assim de terra em terra, êsses *pedreiros* tinham organizado entre si uma sociedade para se ajudarem e se protegerem uns aos outros onde quere que se encontrassem; e para se conhecerem, tinham inventado uns sinais que só êles sabiam. Mas a pouco e pouco, no correr do tempo, esta sociedade degenerou. Deixou de ser uma sociedade de construtores, de

boa gente trabalhadora e honesta, temente a Deus, e que só pensava na melhor maneira de construir as lindas catedrais. As catedrais já se não construíam e gente de má fé aproveitou-se desta sociedade para outros fins, sobretudo políticos. Uma sociedade de finórios que ali se juntavam para ganharem poder sobre gente de boa fé ou sobre gente sem consciência que se metia nas mãos deles a trôco de benefícios e vantagens. E tudo isto foi de mal a pior; era como uma teia de aranha onde as moscas caíam e lá ficavam. Mas o pior de tudo foi agora, há poucos anos, quando da Revolução francesa. Esta sociedade da maçonaria foi apanhada pelas cabeças que querem governar o mundo. Ali não há Deus, nem pátria, nem família. Seja o que fôr de mais sagrado deixa de valer. Só conta o que os chefes mandam. Entendes, Francisco, o perigo de uma tal peste? Porque na maçonaria quem não cumprir o que os chefes mandarem, ou quem der com a língua nos dentes a respeito lá dos seus segredos, morre. Aparece morto...

— Quere dizer — perguntou o Francisco — que quem mata não é castigado?

— Isso mesmo. Porque lá na maçonaria protegem-se e defendem-se uns aos outros. Quem obedecer e fizer o que os chefes mandarem; matar, atraiçoar a própria pátria, seja o que fôr, tem protecção; quem desobedecer não escapa.

Francisco estava defronte do avô, de sobrolho carregado e punhos fechados. Disse assim:

— Já entendo. Quem obedecer, mesmo que seja contra Deus, contra a Pátria, contra a honra, fica bem visto e é bem pago... não é assim?

— É assim mesmo. Dantes não era. A maçonaria era uma sociedade secreta de auxílio mútuo e uma das coisas que tinham de jurar era obediência aos mandamentos de Deus. Mas a Revolução francesa acabou com isso. Agora para lá entrar, é preciso renegar Deus.

— E há portugueses que entram na maçonaria, avô?

— Desgraçadamente há. E já lhe estamos vendo os resultados. Todos êsses vendidos que estão aí de braços abertos à espera dos franceses. Uns entram na maçonaria pela ânsia de mandar, de terem poder sobre os que lhes ficam abaixo, outros por presunção, ou por cobiça, ou por parvalheira, ou por falta de vergonha e por esquecimento dos seus deveres mais sagrados...

Francisco ficou-se um pedaço a cismar, muito sério, e por fim disse:

— Nunca mais na minha vida hei-de esquecer esta conversa. Onde quere que descubra um mação...

Os três homens que o escutavam não se riram. O pai pôs-lhe a mão no ombro e disse:

— Está certo, meu filho. Sabemos que poderemos sempre contar contigo. Mas lembra-te de uma coisa: os maçãos nunca dizem nem mostram que o são. A fôrça deles está justamente no fingimento, na mentira. A fôrça do mação está em ninguém dos de fora saber que êle é mação.

No dia 28 de Novembro embarcou a família real.

Um artista português, chamado Oliveira Martins, que escreveu com muito lindas palavras uma feia e má história de Portugal, contou êsse embarque da família real como coisa vergonhosa. Deus lhe perdôe as mentiras que escreveu! A partida da família real para a terra portuguesa do Brasil fêz-se com tanta dignidade e sossêgo que não havia naquele cais de Belém quem não tivesse as lágrimas nos olhos. Ali estava reunida a Côrte com todo o seu aparato, sem pressas nem aflições, cada qual no seu lugar. E o Príncipe ali deu beija-mão com muito sossêgo, dizendo a cada um palavras de conforto, de ânimo e de esperança.

Ali estava a Côrte e os principais funcionários do reino e chefes do exército e muitíssimo povo. E todos olhavam o Príncipe com respeito, pois bem sabiam que elle fazia o que devia fazer.

Doze dias depois dos invasores francezes atravessarem a fronteira portuguesa, os navios que levavam para o Brasil a família real, saíam a barra do Tejo. Junot e a sua gente ficaram furiosos. Foi o primeiro desapontamento que tiveram em Portugal. Começava o gado a sair-lhes mosqueiro.

Em casa de Joaquim de Noronha e, louvado seja Deus! em muitas e muitas casas portuguesas em Lisboa, ferviam revoltas e indignações; mas não em tôdas, desgraçadamente.

Junot entrou na cidade que nem um rei. Escolheu para sua residência o palácio do Barão de Quintela na rua do Alecrim. Aí vivia com grande luxo e esplendor, divertia-se à grande mais os outros officiaes francezes, dava grandes festas onde não faltavam convidados portugueses. Muito boa sociedade, senhoras e homens, todos contentes e cheios de presunção por julgarem fazer figura nas salas do general francês. Que vergonha! Mas há sempre gente assim; quanto mais miseráveis de alma e pobres de dignidade, mais estarrecidos diante do estrangeiro, engulindo tôdas as intrujices com que os enganam, sem perceberem a desgraçada figura que fazem, sem descobrirem o desprezo que os próprios estrangeiros têm por elles e pela sua parvalheira.

Entretanto Junot não perdia o seu tempo. Obrigou à má cara o Senado da Câmara a pagar-lhe doze mil cruzados por mês. Pôs um comissário francês a dar leis no Conselho dos Governadores do Reino. E, sem demora, elle e os seus começaram a roubar. Roupas, mobílias, objectos de arte quadros, imagens das igrejas... Só à sua parte um cunhado de Junot levou catorze carros de prata da Sé. Tudo era dêles. Esburacavam os túmulos reais e de pessoas da nobreza, à procura de jóias. Assim arrombaram os lindos túmulos de Dom Pedro e de Dona Inês no Mosteiro da Batalha. Ainda agora se vê o lugar nesses túmulos onde os francezes abriram os buracos. Esses e muitos outros.

Por fim, Junot teve o descaramento de publicar um decreto dizendo que o reino de Portugal passava a ser governado em nome do Imperador Napoleão Bonaparte, pelo general em chefe das tropas francezas de occupação, que era o próprio Junot! Em tudo, elle, os seus officiaes e soldados procediam como se estivessem em terra de selvagens. E não faltavam portugueses que andavam atrás dêles, às cortesias, a servi-los, a gabá-los. Havia peralvilhos que não pensavam em mais nada senão em imitar os francezes, no modo de se vestir, de andar, de falar. E meninas de Lisboa e até mulheres casadas não queriam saber de mais nada se não de se enfeitar para agradar aos francezes!

O trabalhinho da maçonaria estava dando para os francezes bem bom resultado.

Mas o povo, o bom povo português, não andava contente. Quando a gente miúda da cidade viu arrear a bandeira de Portugal no castelo de S. Jorge, e viu a bandeira franceza içada no seu lugar, começou a zangar-se. Rebentaram motins e revoltas que os francezes castigaram com brutalidade sem conseguirem sossegar os ânimos.

Uma noite, no teatro de S. Carlos, Junot teve o atrevimento de erguer a bandeira franceza. Levantou-se um grande tumulto e houve gritos de «Morra a França!» e «Viva Portugal!» Foi muita gente presa e os francezes trataram de abafar cruelmente aquelas vozes de verdadeiros portugueses. Mas não lhes serviu de nada; por todo o reino o povo português começava a revoltar-se.

O Gil e Joaquim de Noronha não paravam em casa. Andavam sempre em reuniões com outros officiaes e fidalgos portugueses a combinar e a organizar as coisas em Lisboa e na província, de modo a estarem bem preparados a botar fora os francezes e a livrar Portugal daquela afronta. Montavam a cavallo e abalavam ora para um lado ora para outro, disfarçadamente, fingindo

que iam visitar amigos fora de Lisboa ou tratar de negócios noutras cidades; e os franceses estavam tão seguros de si, tão certos de terem Portugal fechado na mão, que não desconfiavam de nada.

Um domingo, durante uma dessas ausências de Gil e de Joaquim de Noronha, ia Maria do Céu a saír da missa com os filhos e acompanhada por alguns criados, quando um oficial francês todo pimpão que, havia algum tempo lhe andava a rondar a casa, a esperou à saída da igreja e lhe ofereceu água benta. Maria do Céu fêz de conta que não o viu e passou, muito direita, sem apressar o passo, com aquêlê seu lindo ar de princesa.

O oficial francês, que estava costumado a ver as senhoras portuguesas nas salas de Junot tôdas derretidas para êle, cuidou que aquêlê desprezo era só um fingimento. Sorriu todo cheio de presunção e, no adro, aproximou-se dela e fazendo-lhe uma grande cortesia, disse-lhe:

— Dá-me licença que a acompanhe?

Maria do Céu, que falava muito bem francês, respondeu-lhe logo, tôda séria:

— Em Portugal, as senhoras não costumam ser acompanhadas por pessoas que não conhecem.

— Mas eu sou um oficial francês — tornou êle empertigando-se todo — e tenho a maior admiração pelas senhoras portuguesas, sobretudo quando são lindas...

Maria do Céu começou a tremer de cólera e teve muito trabalho em se conservar serêna.

— As senhoras portuguesas da minha qualidade — disse ela — que provàvelmente o senhor ainda não conhece, não admitem que as insultem com palavras como as suas.

E, apressando o passo, seguiu o seu caminho. A Purificação ia ao seu lado, tôda vermelha e zangada contra o francês; e levava a cabeça levantada com aquêlê arzinho de rainha que herdara da mãe e da avó. Mas o Francisco olhou para trás e, vendo que o francês os seguia, parou e esperou por êle.

— Siga o seu caminho — disse êle ao oficial com modos de quem manda. — Não vê que está a incomodar a minha mãe?

Como o Francisco levantara a voz, o povo que vinha saindo da igreja começou a juntar-se em volta dêles. Um dos moços de estrebaria da casa de Joaquim de Noronha, um latagão, que nascera na casa e era amigo dos seus senhores como da sua própria família, resmungou:

— Se êste francês do diabo falta ao respeito à minha senhora, racho-o.

Um homem que estava ao lado dêle respondeu logo:

— Não serás só tu. Estou farto dêstes ladrões até aos olhos. Isto não pode durar.

O oficial francês, entretanto, olhava o Francisco de alto a baixo. O pequeno a-pesar-de ter só treze anos era alto e forte e tinha a expressão resoluta de um homem. O francês não lhe metia mêdo nenhum.

— Não ouviu o que eu lhe disse? — perguntou êle.

O oficial deitou-lhe a mão a um ombro e arredou-o. Mas o Francisco, que tinha na mão uma chibatinha, levantou o braço e descarregou com tôda a força uma tal vergastada na cara do francês que lha deixou marcada com um risco vermelho de alto a baixo. O oficial perdeu a cabeça e ia atirar-se ao pequeno quando uns braços de ferro o seguraram. Era o moço de estrebaria de Joaquim de Noronha, que lhe gritou:

— Gira daqui para fora! Se tocas no menino Francisco, ferro-te um pontapé que morres de fome no ar!

O francês olhou em redor. Viu o adro cheio de gente enfurecida e pronta a dar cabo d'ele. Resmungou que haviam de o pagar e tratou de se pôr ao fresco.

No dia seguinte, Joaquim de Noronha e Gil voltaram da sua jornada e o Francisco logo lhes contou o que sucedera. Nessa tarde o official francês appareceu a cavallo defronte da casa. Passou uma vez a olhar para as janelas. Tornou a passar... De repente, abriu-se a porta e Gil surgiu no limiar e disse sossegadamente:

— Se torna a passar defronte da minha casa, arrepende-se.

— Um official francês pode passar quantas vezes quizer, seja por onde fôr — respondeu o francês.

Gil não se alterou:

— Experimente.

Tinha um chicote na mão e começou a descer os degraus da entrada.

A criadagem tinha vindo tôda para a rua; e ia-se juntando povo.

— Olha o peralvilho do francês!

— Raios o partam...

— Vamos a êle, Manel!

— Deixa, que êle está em boas mãos!

O Gil, disse:

— É melhor ir-se embora... e depressa. Esta boa gente portuguesa pode estragar-lhe a elegância da farda.

O francês, respondeu:

— Havemos de nos encontrar.

— Com tôda a certeza — disse Gil. — E mais depressa que você imagina.

O francês, pálido de raiva, deu meia volta e abalou. Ia com tenção de voltar com acompanhamento militar e de prender o Gil. Mas quando chegou ao quartel teve ordem de partir para o Pôrto, onde o povo se levantara contra os invasores.

Portugal acordava cheio de fúria. O movimento do Pôrto espalhou-se ao Minho e Trás-os-Montes. Miranda, Moncorvo, Vila Real... O general francês Loison foi mandado contra os revoltosos; mas o resto do reino levantou-se também. Loison encontrou Portugal em armas: Aveiro, Coimbra, Figueira, Leiria, Vila Viçosa, Beja, Lagos, Évora... Por tôda a parte os franceses viam surgir-lhe inimigos. Contra o patriotismo e a lealdade do povo português acordado por homens como Gil e Joaquim de Noronha, a maçonaria acolhia-se tôda. Isto agora era a sério.

Portugal tinha muitos e muito bons soldados. Faltavam-lhe armas, dinheiro e um bom chefe. Com tantas desgraças e misérias passadas, os officiaes portugueses não tinham tido a instrução precisa. Mas eram bons officiaes como depois o provaram.

Pediu-se ajuda à Inglaterra. Desta vez a Inglaterra acudiu porque se tratava de bater os seus inimigos franceses; e os inglêses sabiam que encontrariam em Portugal tropas excelentes e capazes de combater contra as tropas de Napoleão.

A Inglaterra mandou uns milhares de homens, armas e um comandante chamado Wellesley. Wellesley era um grande chefe. Assim as tropas portuguesas bem armadas e bem comandadas, atiraram-se aos franceses. Deram-lhes uma grande sova em *Roliça*, perto de Óbidos, e outra ainda maior no *Vimieiro*, perto da Lourinhã. No fim de Setembro os franceses acharam melhor ir-se embora. Assinou-se um papel que se chamou a *Convenção de Sintra* e os

franceses embarcaram em barcos ingleses que os levaram e à carregação de riquezas que tinham roubado na nossa terra.

Assim acabou a primeira invasão francesa, a de Junot (a quem deram o título de duque de Abrantes), que durou nove meses.

Mas Napoleão Bonaparte, vencedor na Itália, na Alemanha, na Rússia, em toda a parte, feito agora Imperador e com todos os povos da Europa a seus pés, não suportou a derrota dos seus em Portugal. Em breve mandou novos exércitos contra nós.

Desta vez o general francês encarregado de invadir Portugal, foi Soult. Entrou o inimigo na nossa terra pelas alturas de Chaves, em Março de 1809. Aí encontrou um grande português chamado Francisco da Silveira Pinto da Fonseca, que dirigiu e comandou uma defesa magnífica e heróica em todo o norte do país. Com este herói português que salvou o seu país, andava sempre Gil que era seu grande amigo e companheiro em todas as batalhas.

É preciso que os portugueses não esqueçam este nome: *Francisco da Silveira Pinto da Fonseca*. Quando se pensa na nossa vitória sobre os franceses e na sua expulsão da nossa terra, só se fala nos ingleses. Mas que poderiam ter feito alguns milhares de ingleses contra as tropas esplêndidas de Napoleão, se não fossem os valentes soldados portugueses que se bateram como leões?

Na defesa espantosa de Chaves, em Amarante, nos vãos do rio Tâmega, em outros pontos do norte do país os invasores encontraram uma terrível resistência. Só depois disso a Inglaterra mandou reforços e outra vez voltou Wellesley a comandar as tropas reunidas portuguesas e inglesas. Batidos no Pôrto, os franceses retiraram para Penafiel, depois para Braga. Vencidos, atravessaram a fronteira e abalaram em Maio.

Esta segunda invasão durou só dois meses; mas, por onde passaram, os franceses furiosos fizeram tais horrores de mortes, suplícios, incêndios e destruições que é de espantar.

O general inglês Wellesley soube que um general francês, chamado Vítor, depois de ter passado para lá da nossa fronteira, estava reunindo e preparando as suas tropas para um novo ataque. Wellesley juntou também as suas tropas portuguesas e inglesas atravessou a fronteira e foi atrás do inimigo. Já em Espanha, em Talavera de la Reina atacou os franceses e deu-lhes tal batalha que os deixou derrotados. Foi nessa ocasião que o rei de Inglaterra, Jorge III, quis recompensar Wellesley e lhe deu o título de visconde de Wellington.

Wellington era um grande general. Tinha muito conhecimento das coisas da guerra, sabia bem o seu ofício militar e sabia comandar. A sua vitória sobre os franceses em Talavera de la Reina não o sossegou. Sabia muito bem que Napoleão ainda se não dava por vencido. A Espanha já elle tinha no bôlso; não ia com certeza desistir de Portugal; e não fazia conta nenhuma à Inglaterra que Napoleão tomasse conta dos nossos portos.

Com efeito, Napoleão decidiu acabar por uma vez com a resistência em Portugal e, na primavera de 1810, mandou Massena, um dos seus mais gloriosos generais, à testa de um grande e poderoso exército; esta era a terceira invasão francesa de Portugal, a mais importante de todas em número e forças. As ordens de Massena vinham Junot, Ney e Reynier, cada qual comandando um corpo de exército. Eram nomes célebres na Europa inteira, generais carregados de vitórias. Vieram por aí fora e ocuparam Ciudad Rodrigo em Espanha. Mas tendo atravessado a fronteira portuguesa, logo esbarraram em Almeida com uma resistência desesperada. Afinal conseguiram passar. Chegaram até Mangualde, até Viseu. Mas desta vez não podem roubar nem matar, porque a gente portuguesa tinha ordem de se retirar à medida que os franceses avançavam, levando consigo os seus haveres, gados, provisões, tudo. Os franceses pasmavam. Caminhavam em terras desertas. Não encontravam viva

alma nem nada que comer. As tropas começavam a ter fome e iam descontentes. Junot que um ano antes estivera em Portugal, todo inchado de preunção a fazer de rei, amparado pela maçonaria, e Ney, o grande general tão costumado a mandar, iam zangados por terem agora que obedecer a Massena. Havia intrigas e divisões entre os oficiais.

Wellington com as suas tropas portuguesas e inglêsas, muito bem disciplinadas e munidas de tudo com fartura, ia recuando sempre diante do avanço francês. Assim levou o inimigo até onde mais lhe convinha. No Buçaco parou e deu batalha aos franceses. Foi uma terrível batalha na qual, de ambos os lados se deram provas de extraordinária bravura.

A derrota dos franceses no Buçaco foi completa. Wellington e outros oficiais inglêsas fartaram-se então de falar e de escrever a respeito da coragem, da disciplina e das grandes qualidades dos soldados portugueses. Agora têm esquecido isso; e os inglêsas dêste tempo, quando se referem às guerras contra os franceses em Portugal, falam como se a êles se a desvesse tudo. O que é mais triste é ouvir certos portugueses dizerem o mesmo. Mas os portugueses que têm sangue nas veias e boa cabeça nunca devem esquecer que os inglêsas nunca teriam vencido as tropas de Napoleão em Portugal, se não tivessem ao seu lado os bons oficiais e soldados portugueses que ali defendiam palmo a palmo a sua terra assim como através da sua gloriosa história tantas vezes a tinham defendido, sem a ajuda de ninguém.

Os franceses, derrotados no Buçaco, retiraram para Coimbra onde fizeram tais atrocidades que nem se podem contar.

Desde Novembro de 1809 que se trabalhava na defesa de Lisboa e se construíam as afamadas *Linhas de Tôrres Vedras*. A idéia dêste sistema de defesa que foi uma obra muito importante, deve-se a um engenheiro português chamado *José Maria das Neves Costa*. Era esta *Linha* constituída por três séries de fortificações construídas entre o Tejo e o mar.

Muita gente imagina que estas célebres Linhas de Tôrres Vedras foram obra de Wellington. Mas não foram. Wellington estudou-as e melhorou-as, mas esta bela defesa de Lisboa deve-se ao major português Neves Costa.

Os franceses, depois de fazerem as mais horríveis e estúpidas crueldades em Coimbra e nos seus arredores, resolveram ir atacar as Linhas de Tôrres Vedras. Mas quando lá chegaram já lá encontraram as tropas portuguesas e inglêsas. Massena parou. Ali esteve algum tempo a estudar a maneira de vencer aquela formidável barreira. Entretanto a soldadesca destruíra culturas e árvores, incendiava povoações, supliciava e matava quanta gente lhe caía nas unhas, e enchia-se de roubos. Mas a pouco e pouco começou a faltar-lhes o comer. Os generais franceses acabaram por se convencer que não podiam nada contra as Linhas de Tôrres e resolveram retirar-se.

Essa retirada não se fez em boa ordem. Os soldados iam com fome, cansados e descontentes. Os oficiais estavam divididos em partidos. Os generais iam zangados uns com os outros. Os portugueses das aldeias e campos aproveitaram a ocasião para se vingarem. Esperavam-nos, armavam-lhes ciladas, caçavam nêles nem que fôsem coelhos. As tropas portuguesas e inglêsas iam-lhes no encaicho. Em Pombal deram-lhes batalha e derrotaram-nos. Em Foz de Arouce tornaram a cair-lhes em cima e infligiram-lhes grandíssimas perdas. O desastre para os franceses foi completo. Era a primeira vez que os exércitos de Napoleão eram assim derrotados.

Os franceses saíram finalmente de Portugal a 6 de Março de 1811, foi a terceira e última invasão francesa na nossa terra.

Gil nunca mais tivera descanso desde que o povo português se levantara contra Junot e que a guerra tinha principiado contra os franceses. Em tôda a parte onde as batalhas eram mais bravas, lá estava o Gil. Os inglêsas olhavam

para êle com admiração. Nunca tinham visto uma coragem mais serena nem mais invencível. Todos os chefes o tinham em grande conta e os soldados morriam por êle.

Nas Linhas de Tôres Vedras, enquanto o inimigo hesitava, indeciso se havia ou não de atacar, Gil, acompanhado por dois officiaes e meia dúzia de soldados foi fazer um reconhecimento perigoso, a ver se descobria as posições e as tenções dos francezes.

Era ao entardecer. Avançavam devagar encobrimdo-se quanto podiam nos bosques e às vezes indo de gatas, arrastando-se cautelosamente entre o mato. Tudo correu bem durante algum tempo. Puderam chegar ao tôpo de um outeiro de onde descobriam uma parte do acampamento inimigo e o Gil pôde ver como as tropas estavam dispostas e entender, se elas atacassem, de que maneira o fariam.

Vinham já de volta, com os mesmos cuidados com que tinham ido, quando de repente, ao passarem por um ribeiro, viram levantar-se do chão uns pouços de soldados francezes. Eram talvez uns vinte e êles nem a dez chegavam.

Os francezes rodeavam-nos de espingardas apontadas e gritaram-lhes que se rendessem. No mesmo instante, obedecendo à ordem do Gil, as pistolas portuguezas fizeram fogo e uns poucos de francezes caíram. Outros dispararam também. Daf a pouco estavam todos embrulhados. Já havia mortos e feridos de um lado e de outro. Mas na surprêsa do primeiro tiroteio tinham morrido mais francezes que portuguezes e alguns dos primeiros, feridos, tinham podido escapar-se entre o mato.

Ora quando se tratava de combater, não havia quem chegasse ao Gil. Parecia que tinha o diabo no corpo. Com armas de fogo não havia pontaria mais certa; com uma espada na mão, não errava um golpe, e os golpes do inimigo parecia que fugiam dêle como por bruxedo.

No mais aceso daquele combate, ouviu-se uma galopada ao longe. Os francezes cuidando que chegavam reforços aos nossos, trataram de se pôr ao fresco. Mas à luz do entardecer o Gil conhecera o official francês que os comandava. Era o peralvilho todo fanfarrão que se atrevera a dizer galanterias à Maria do Céu. Quando os soldados francezes começaram a debandar, o Gil caminhou para o official e gritou-lhe:

— Alto! Nós dois temos contas a ajustar. Chama aí um amigo que eu chamarei um dos meus. Em guarda! Agora vais aprender quanto custa a um peralvilho faltar ao respeito devido a uma senhora portuguesa!

O francês não era cobarde. Percebeu que o Gil falava a sério. Aceitou o duelo.

Um dos officiaes portuguezes que acompanhava o Gil aproximou-se do outro official francês; eram os dois padrinhos do duelo e ajustaram as condições como é costume. Os soldados de ambos os lados receberam ordem de se afastar. O Gil e o francês despiram os casacos. Cruzaram as espadas. Eram ambos muito bons esgrimistas e ambos corajosos.

O combate durou muito. O Gil foi ferido no braço esquerdo, o francês no pescoço. Duas vezes o Gil desarmou o francês; duas vezes o deixou apañhar a espada do chão e continuar o combate. Por fim cafu a fundo e a sua espada atravessou o peito do francês. O padrinho dêste debruçou-se sobre o corpo estendido imóvel no chão. Depois ergueu-se e chamou os soldados francezes que pegaram no corpo e o levaram.

O Gil, sem mais uma palavra, deixou-os ir. Depois, voltou com os seus para o acampamento e foi dar a Wellington as informações que trazia do que observara das posições inimigas.



Um mês depois estavam todos reunidos em casa de Joaquim de Noronha. Gil, sentado no sofá com Maria do Céu, tinha o braço passado em volta da cintura da sua querida mulher.

— Deus permita que haja agora um pouco de descanso. Graças a ti e a outros valentes, estamos livres dos franceses!

Joaquim de Noronha e Maria José estavam junto da mesa a reler uma grande carta que nessa manhã tinham recebido do Brasil com muitas notícias de Manuel de Noronha. As notícias eram boas. O Príncipe Regente estava fazendo grandes coisas no Brasil. Tudo se transformava lá. O país parecia outro. Desenvolvia-se o comércio, as indústrias prosperavam. Os estudos e trabalhos de Manuel de Sequeira avançavam e êle mostrava-se radiante com os resultados obtidos.

O Francisco que estava a jogar uma partida de Damas com a irmã, perguntou de repente:

— Pai, que será feito daquele oficial francês a quem eu dei uma vergastada e que se queria atirar a mim?

O Gil respondeu muito sério:

— Não sei se é vivo ou morto, mas o que sei é que nunca mais incomodará uma senhora portuguesa.

A SEGUIR:

HISTÓRIA TRISTE DO DIABO À SOLTA

*Virgínia de Castro e Almeida escreveu;
Pamela Boden ilustrou;
O S. P. N. deu à estampa.*

S. N. I.